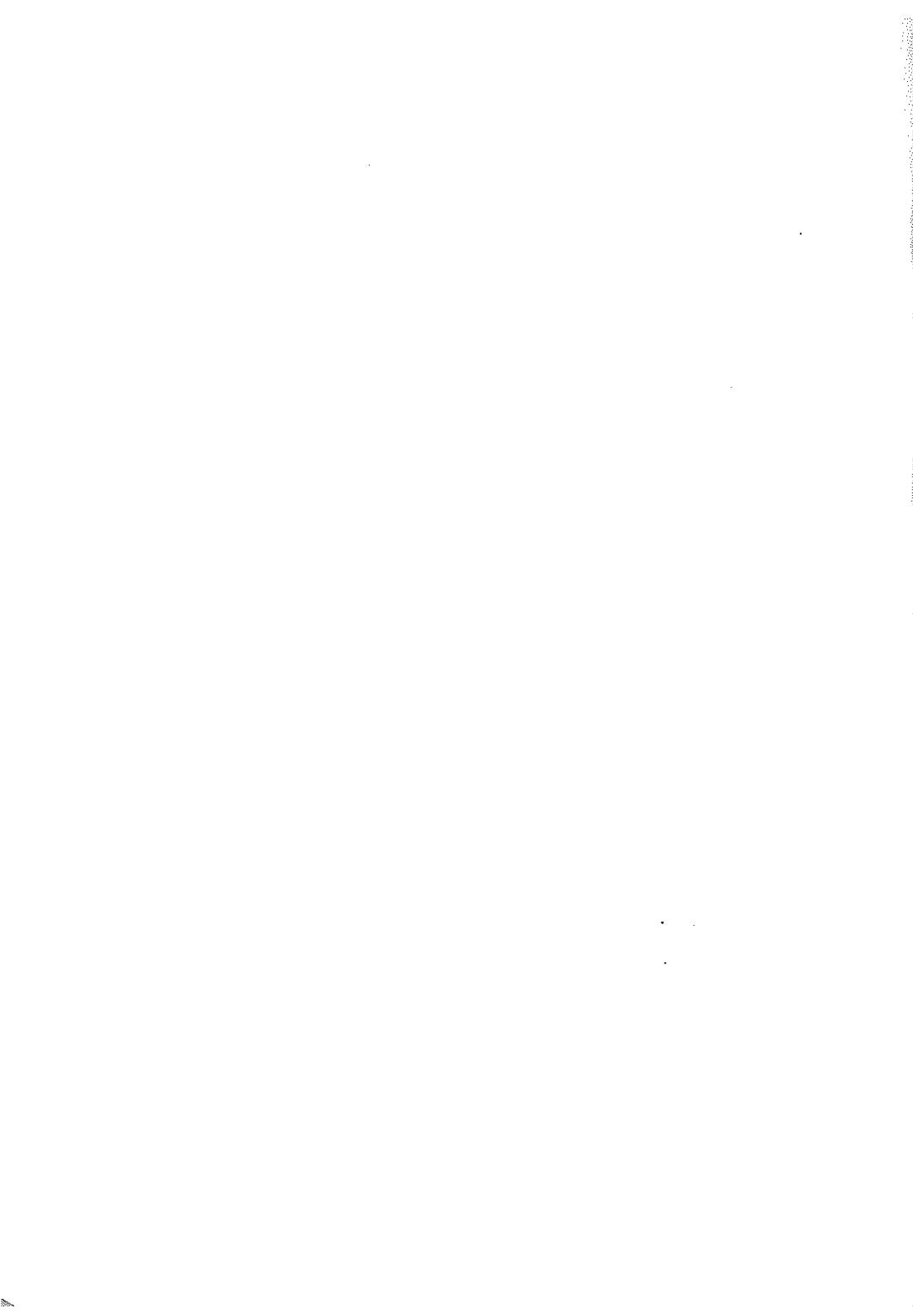


**g u i a d o
e s t u d a n
t e d a f a
c u l d a d e
d e l e t r a s
d o p o r t o**

HISTÓRIA - 3º Ano

1989/1990

378(art)
Gru
C12



FACULDADE DE LETRAS
da
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

X



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1989 / 90

39 8/05
Geral

Guia do Estudante da FLUP . HIST : 3º Ano

Porto: Conselho Directivo da FLUP.

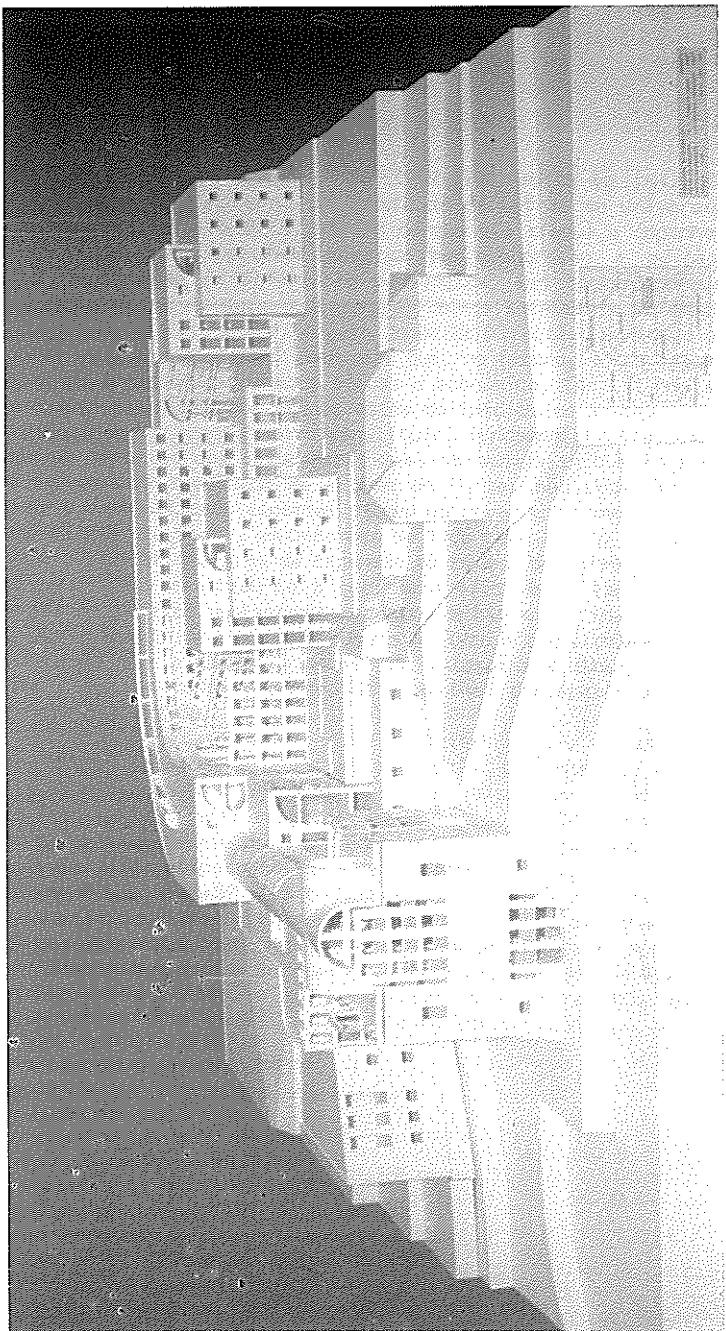
Vol. 10, 1989-1990

Publicação anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 200 expl.



Maquete das futuras instalações da Faculdade de Letras
(em construção)

GUIA DO ESTUDANTE - 1989

INTRODUÇÃO

No presente ano lectivo de 1989-1990 edita-se pela 10^a vez consecutiva o Guia do Estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Importa assinalar a data, não só porque ela traduz o empenho que os sucessivos Conselhos Directivos puseram na elaboração e edição deste importante instrumento de informação pedagógica, mas também porque, pela primeira vez, o texto do Guia do Estudante surge totalmente informatizado, mercê de um trabalho levado a cabo pelo Conselho Directivo ao longo de 1989. Ficam, deste modo, criadas condições para que, no futuro, a sua actualização se processe de forma cada vez mais eficaz e económica, facilitando ao mesmo tempo a sua difusão junto dos alunos antes do início das aulas.

O Guia do Estudante deve constituir, fundamentalmente, um apoio à orientação do trabalho dos estudantes; mas, na medida em que é já parte da história recente da Faculdade de Letras do Porto, não pode deixar de se registar nele o significado especial de que se reveste o momento presente da vida desta escola. De facto, em Dezembro de 1988 teve início a construção do novo edifício da FLUP, na Área de Expansão do Pólo 3 da Universidade. No dia 16 de Junho de 1989 realizou-se a cerimónia oficial de lançamento da sua primeira pedra, que fica implantada no centro do bloco destinado à Biblioteca Central, simbolizando, assim, tudo quanto o livro e o documento representam para uma escola das ciências humanas, da filosofia e das línguas. Desta maneira se coroa um longo processo de trabalhos preparatórios efectuados pacientemente desde 1980.

Mas também em 1989 a Faculdade de Letras passou a ocupar um lugar cimeiro no quadro das instituições universitárias portuguesas, ao tornar-se a primeira Faculdade da Universidade do Porto a dispor de uma ligação à rede "Porbase", o que lhe permite trabalhar em linha com a Biblioteca Nacional de Lisboa, tanto para pesquisa por parte dos utentes, como para carregamento de dados pelos serviços competentes da Biblioteca Central.

Finalmente, 1988-89 fica também assinalado como o ano lectivo em que se aprovaram os Estatutos da Universidade do Porto e se elaboraram os desta sua Faculdade de Letras, por forma a que pudessem vir a ser aprovados pela assembleia competente, o que se espera aconteça antes do fim de Dezembro. Com eles poderá, com certeza, a escola exercer de maneira mais adequada a autonomia possível no quadro das instituições universitárias.

O Guia do Estudante pretende ser fundamentalmente um instrumento útil aos estudantes da Faculdade, pelo que as informações de natureza académica e social devem ser procuradas no folheto Instruções Úteis aos Alunos que a Reitoria da Universidade do Porto distribui gratuitamente no início do ano lectivo.

No quadro da Lei de Autonomia das Universidades e dos Estatutos elaborados pela Universidade do Porto, e de acordo também com a Lei Orgânica desta, e com o projecto dos seus próprios Estatutos, a Faculdade de Letras passa a estruturar-se do seguinte modo:

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo.

SERVICOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:
de 2^a a 6^a feira: 12H00 - 16H00
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Serviço de pagamento das cartas de curso
"de venda de selos fiscais.

Horário de atendimento:
de 2^a a 6^a feira: 9H30 - 11H30
14H30 16H30

Encerra ao Sábado.

C Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de

Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- c) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos).

Como aceder à Base Nacional de Dados Bibliográficos:

- 1.Digite: GEAC.
- 2.Carregue tecla ENTER.
- 3.Digite: CAT.
- 4.Siga as instruções que aparecem no ecrã.

5.Se tiver dificuldade, dirija-se ao funcionário da Biblioteca, que dará as indicações necessárias para estabelecer a ligação.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas no ficheiro da Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, encyclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de Leitura:

2^a a 6^a feira: 8H30 - 18H00

Sábado: 9H00 - 11H30.

5. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

6. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico - Referente às obras entradas em cada semestre (publicado desde 1979)

Anexos do Boletim:

I - Teses existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

II - Publicações dos Docentes da Faculdade, existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

Boletim de Sumários, respeitante aos índices das publicações periódicas recebidas (iniciado em 1988)

"Reservados" da Biblioteca Central, Porto, 1989.

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação (estes dependentes do INIC):

Instituto de Estudos Ingleses

- " de Estudos Norte Americanos
- " de Estudos Germanísticos
- " de Geografia
- " de Cultura Portuguesa
- " de Arqueologia
- " de Documentação Histórica Medieval
- " de Filosofia e História da Filosofia
- " de História de Arte
- " de Língua Portuguesa
- " de Literatura Comparada
- " de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
- " de Sociologia

Sala Francesa

- " Brasileira
- " Espanhola
- " Neerlandesa

" de História Moderna
" de História Medieval
Centro de História
" de Linguística
" de Estudos Semióticos e Literários.
Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).
Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

C - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:
2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H30
Sábados: 9H00 - 12H30.

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:
2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H00
Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos. Chama-se particular atenção para a área reservada à viatura da Faculdade, que deve manter-se sempre desimpedida.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:
2^º a 6^º feira 7H30 23H00
Sábados 7H30 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

Curriculos em vigor em 1989/90:

1^º, 2^º e 3^º anos - Port. nº 850/87

4^º ano - Dec. nº 53/78

4^º ano de Sociologia: Port. nº 352-C/85

4^º ano de Est. Portugueses (LLM): Dec. do Gov. nº 75/84.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3^º ano).

b) Tradução (Port/Ingl; Port/Franc; Port/Alem) - Portaria nº 850/87 (regimes transitório e normal).

C - Cursos de pós-graduação (em funcionamento):

a) Mestrados: em História Medieval

História Moderna

Filosofia Social e Política

Arqueologia (proposto)

Educação (proposto)

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Bibliotecas e Arquivos (edição de novo Curso em 1989/90)

c) Curso de Conservador de Museu (proposto).

D - Curso de Português para Estrangeiros (em Julho).

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório:

1º ano:

a) obrigatoriedade de frequência mínima a 2/3 das aulas;

b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

c) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro em princípio só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Candidaturas à inscrição, no 3º ano, nas disciplinas de: "Introdução às Ciências da Educação" (ICE), em todos os cursos, e

"Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem" (PDA), em História e Filosofia.

2. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

3. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios da FLUP, com a fórmula para o cálculo da classificação final, encontra-se publicado na Port. 659/88.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

Regime transitório:

a) possibilidades:

Variante de Est. Port./Ingl - Trad. Port./Ingl.

" Est. Port./Franc. - Trad. Port./Franc.

" Est. Franc./Ingl. - Port./Ingl ou Port./Franc.

" Est. Ingl./Alem. - Port./Ingl. ou Port./Alem.;

b) obrigatoriedade de frequência mínima às aulas;

2/3 das aulas teóricas

50% das aulas práticas;

c) podem candidatar-se os interessados que possuam a licenciatura nas variantes atrás indicadas (e nas condições fixadas na Port. 850/87), devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos abertos após a conclusão desse grau.

Regime normal - 3º ano (Port. 850/87):

a) Possibilidades:

Português-Inglês

Português-Alemão

Português-Francês.

Nota: O Conselho Científico manifestou-se a favor da abertura do Curso de Tradução nas restantes combinatórias de LLM (Inglês/Alemão; Inglês/Francês; Francês/Alemão), aguardando-se a necessária aprovação superior.

b) Critérios de selecção:

os candidatos devem estar em condições de passagem para o 3º ano (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso e desde que nenhuma delas seja a língua em que o interessado pretende fazer o Curso de Tradução).

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:

Editais afixados em 8 de Outubro (inclusive)

Matrículas e/ou inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Permutas: só no ingresso ela 1^a vez no Ensino Superior.

3. Mudança de variante em LLM: os pedidos só podem ser considerados depois de os alunos terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram; esta disposição aplica-se aos casos de retoma de estudos e de transferência de outras Faculdades congéneres, caso se traduzam, na prática, em mudança de variante; excluem-se os casos de alterações curriculares resultantes de situações contempladas na lei, como sejam as equivalências de planos de estudo.

4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 7.6.89)

No desempenho das funções que lhe competem pelo Artº 21º do Decreto Lei nº 781 A/76, de 28 de Outubro, e de acordo com as normas gerais respeitantes ao exame final definidas pela Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro, o Conselho Pedagógico aprovou em 7/6/89 as Normas de avaliação de conhecimentos para o ano lectivo de 1989-90.

As normas agora propostas introduzem não só modificações em alguns artigos (cf. os novos artigos 1º, 2º, 3º, 5º, 10º, 11º, 12º, 13º, 15º, 16º, 20º e 22º), como também algumas recomendações apresentadas sob a forma de Observações Finais às avaliações contínua e periódica. Suprimem os antigos artigos 29º e 33º e dispõem de forma mais clara esclarecimentos sobre melhoria de nota e épocas de exames de recurso e especial que se encontravam dispersos ou omissos (cf. Esclarecimentos sobre a avaliação final). Chama-se a atenção para as alterações significativas introduzidas pela nova redacção dos artigos 1º e 11º.

Relativamente a alterações de fundo que alguns membros do Conselho Pedagógico gostariam de ter visto aprovadas, optou-se pela divulgação à escola em documento próprio, para que sirvam de ponto de partida para uma reflexão mais geral sobre a matéria pedagógica. Para a actual redacção das Normas de avaliação foram ouvidas comissões pedagógicas dos cursos e em certos casos atendeu-se a sugestões que vários docentes resolveram por bem dirigir ao Conselho Pedagógico no princípio do ano lectivo de 1988/89.

Subjacente à elaboração das presentes Normas de avaliação esteve o desejo por parte dos membros do Conselho Pedagógico de incrementar a avaliação periódica e contínua, de consagrar a importância dos trabalhos individuais e de grupo e de acentuar a importância do contacto directo e pessoal entre professor e aluno.

CAPITULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Artº 1º - Modalidades de avaliação. Admite-se três modalidades de avaliação:

- I - Avaliação contínua.
- II - Avaliação periódica.
- III - Avaliação final.

§ Único - Poderá existir uma combinação da avaliação contínua com qualquer outra forma de avaliação nos termos do nº 3 do Artº 11º das presentes Normas.

Artº 2º - Apresentação do plano de avaliação.

No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina (conforme o disposto no Estatuto da Carreira Docente Universitária), deverá

o docente apresentar o plano de avaliação e dialogar com a turma acerca dos seus diferentes aspectos, com explicitação dos objectivos pedagógico-didácticos, modalidades de avaliação, critérios e instrumentos de avaliação a utilizar.

§ 1º - Este plano de avaliação deverá ter em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos;
- b) número de docentes;
- c) natureza da disciplina.

§ 2º - Competirá ao Conselho Pedagógico, sempre que necessário, analisar todos os aspectos inerentes à elaboração e aplicação do referido plano de avaliação.

Artº 3º - Trabalhos de investigação.

Deve ser promovida a realização de trabalhos de investigação, individuais ou em grupo, a apresentar e discutir oralmente, na aula ou fora dela. Os docentes deverão acompanhar de perto a elaboração dos trabalhos em todos os trâmites.

Em função da participação individual, os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho poderão ter uma nota diferenciada, o que deve desde o início ser tornado claro pelo docente.

§ 1º Os alunos poderão ter acesso aos trabalhos elaborados pelos colegas desde que os autores desses trabalhos o autorizem e o docente recomende a sua divulgação.

§ 2º - Os docentes deverão proceder à publicitação da classificação dos trabalhos de investigação.

§ 3º - Desde que o trabalho de investigação seja considerado idóneo, ele deverá ser valorizado em pelo menos 1/3 da nota final; ou em 50% no caso de o trabalho substituir um dos dois elementos da avaliação periódica.

§ 4º - Considera-se um trabalho de investigação escrito em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedeçam a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docentes e alunos.

Artº 4º - Reprovação em avaliação contínua e periódica.

Os alunos que reprovem na avaliação contínua ou periódica só poderão fazer exame final na época de recurso (Setembro), nas condições fixadas por lei.

Artº 5º - Consulta da testes.

1 - Os alunos têm o direito de consultar os seus testes. No caso de prestação de prova oral, os alunos têm o direito de serem informados acerca da nota que obtiveram na prova escrita correspondente.

2 - Sendo possível provar a existência de qualquer irregularidade processual na classificação das provas, os alunos poderão dirigir uma reclamação ao Conselho Pedagógico, que tomará as providências necessárias nos sentido de resolver a situação.

Artº 6º - Provas orais.

As provas orais de avaliação de conhecimentos devem realizar-se em

salas com portas abertas ao público e perante um júri constituído pelo número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

Artº 7º - Notas quantitativas.

Todas as notas relativas a provas ou trabalhos que sirvam de fundamento à classificação final serão publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20).

Artº 8º - Arredondamento de notas.

As classificações a fixar, quando impliquem direito a uma prova oral ou dispensa de prova final, deverão ser arredondadas (ex.: 9,5=10 e 7,5=8).

Artº 9º - Afixação das datas das provas.

As dadas das provas de avaliação periódica e final deverão ser afixadas com uma antecedência mínima de 15 dias.

CAPITULO II - DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

A - AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 10º - Tipo de provas.

O processo de avaliação contínua constará de vários tipos de prova, tais como trabalhos de investigação (individuais ou em grupo), relatórios de leituras ou de trabalhos de campo, elaboração de bibliografias críticas, exposições feitas nas aulas, testes, provas orais. Uma das provas terá de ser um teste em presença, realizado na própria aula.

§ único - Os alunos deverão ser informados de todos os elementos de avaliação, incluindo as provas orais e a participação oral nas aulas, assim como dos métodos de ponderação adoptados.

Artº 11º - Número de alunos por turma.

1 - A avaliação contínua poderá ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos. Em certos casos, poderá haver alteração desse número, mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

2 - De modo a possibilitar a realização de avaliação contínua, as disciplinas poderão ser organizadas em turmas teóricas e turmas práticas (1 teórica + 2 ou 3 práticas), sem prejuízo da carga horária prevista na distribuição de serviço e mediante acordo prévio do Conselho Directivo no que respeita à ocupação de salas.

3 - Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina poderá funcionar em simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas. Em caso de avaliação negativa na componente teórica da disciplina, a classificação que o aluno tenha obtido na componente prática em avaliação contínua, desde que positiva, deverá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

Artº 12º - Obrigatoriedade de presenças.

A avaliação contínua obriga à presença do aluno em 3/4 das aulas. A presença dos alunos deverá ser verificada pela assinatura de folhas de

presença, sob a responsabilidade do docente.

§ Único - Na situação descrita nos números 2 e 3 do Artº 11º, os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Art. 13º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição em avaliação contínua deverá ser feita no decurso do primeiro mês de funcionamento a disciplina.

2 - Os alunos poderão desistir da avaliação contínua, com possibilidade ainda de escolha de outras modalidades de avaliação, desde que essa desistência seja comunicada ao docente até à realização da primeira prova de avaliação periódica.

Artº 14º - Avaliação em seminários.

Nas disciplinas que funcionem em regime de seminário pode praticar-se a avaliação contínua.

Observação final - As disciplinas ou turmas que funcionem no regime de avaliação contínua deverão, sempre que possível, não interromper as aulas nos períodos de avaliação periódica.

B - AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 15º - Tipo de provas.

O número de provas a realizar será no mínimo de duas, sendo uma obrigatoriamente em presença do docente e podendo ser a outra um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno.

Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deverá ser previamente acordada entre docente e alunos, assim como a ponderação da avaliação respectiva.

Quaisquer outras provas - orais ou escritas - que venham a ser realizadas no âmbito da cada disciplina serão facultativas.

§ 1º - A matéria versada nas provas será a que tiver sido leccionada até 8 dias antes da sua realização.

§ 2º - Sempre que as classificações das provas que excedam o número de duas sejam consideradas para efeito de média final, serão publicadas com as restantes.

Artº 16º - Calendário das provas.

O calendário das provas será oportunamente elaborado pelos Serviços Administrativos da Faculdade em colaboração com o Conselho Pedagógico, o Conselho Directivo e com a Associação de Estudantes. A sua elaboração deve obedecer aos critérios descritos na Observação final à Parte B do Cap. II.

Artº 17º - Repescagem.

Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal. Entre a afixação dos resultados das provas de avaliação periódica e a primeira chamada do exame final da época normal deverá mediаr um intervalo mínimo de dois dias úteis (o sábado não deve ser considerado dia útil).

Artº 18º - As condições referidas no artigo anterior são as seguintes:

1 - Para que haja direito a uma prova de repescagem a nota da outra prova de avaliação periódica terá de ser obrigatoriamente positiva.

2 - Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas ou a ela tenham faltado deverão sujeitar-se a uma prova de repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova.

3 - Ficam dispensados da prova de repescagem, embora possam realizá-la, os alunos que tenham obtido numa das provas nota de 8 ou 9 valores, desde que a média das notas das provas seja positiva. Esta dispensa não se aplica caso a média seja negativa, sendo então necessária repescagem relativa à prova em que o aluno tenha obtido 8 valores, para efeitos de aprovação em avaliação periódica.

4 - A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui, não se seguindo o critério usado no exame destinado a melhoria denota. Para que os alunos se considerem aprovados, a média final terá de ser positiva e em nenhuma das provas a nota poderá ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 19º - Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota, não podendo por conseguinte substituir uma prova classificada com nota positiva.

Artº 20º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição do aluno na avaliação periódica far-se-á pela sua presença na primeira prova de avaliação, ou por declaração escrita entregue ao professor até à realização dessa mesma prova.

2 - É permitida ao aluno a desistência da avaliação periódica. Essa desistência deveá ser comunicada por escrito ao professor até à data da segunda prova de avaliação periódica.

Artº 21º - Tipos de provas em línguas vivas.

No caso das línguas vivas, sem prejuízo do disposto nos artigos 16º, 17º e 18º na parte que lhes é aplicável, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais. As provas escritas precedem as orais e obrigam a uma média mínima de nove valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

§ 1º - Cabe aos Leitores fixar o momento da realização dessa prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas após a afixação dos resultados das provas escritas.

§ 2º - A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas.

§ 3º - A prova oral não pode ser entendida como prova de repescagem.

OBSERVAÇÃO FINAL - Critérios para a elaboração do calendário de exames.

1 - Na elaboração do calendário das provas de avaliação periódica deverá ser respeitada, na medida do possível, a distância mínima de 48 horas entre as provas de disciplinas obrigatórias do mesmo ano.

2 - Deverão ser reservados os últimos dias do bloco de avaliação para as provas das disciplinas de opção (tendo em conta o número de disciplinas e a especificidade de cada curso).

3 - Sempre que haja acordo prévio entre docentes e alunos, as provas de avaliação periódica poderão ser realizadas durante o período de aulas, sem prejuízo do normal funcionamento destas.

4 - Dadas as dificuldades na elaboração do calendário de provas nos cursos com múltiplas variantes, deverá ser previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo será de 48 horas depois de afixado o calendário das provas; as reclamações deverão ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico, que poderá delegar num ou mais membros do Conselho o poder de resolução destas situações.

C - AVALIAÇÃO FINAL

Artº 22º - Tipo de provas.

O exame final é constituído por uma prova escrita e uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta. A prova oral deve realizar-se de acordo com a estipulado no Art. 6º.

§ único - Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final (nas épocas normal ou de recurso), esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo, previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que haja acordo entre professor e aluno; a ponderação desse trabalho na nota final deverá corresponder à da parte prática do exame final.

Artº 23º - Admissão à prova oral.

A nota mínima de admissão à prova oral será de oito valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º.

Art. 24º - Dispensa da prova oral.

Os alunos que tenham nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral; mas, mesmo dispensados, podem requerê-la, para o que devem dirigir-se à Secretaria no prazo de 48 horas após a afixação das notas da prova escrita.

Artº 25º - O artigo anterior não se aplica às línguas estrangeiras, em que a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso de não admissão previsto no Artº 23º.

Art.º 26º - O regime de obrigatoriedade de prova oral nas condições do número anterior poderá ser estendido a qualquer outra disciplina por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o responsável pela respectiva área do Conselho Científico.

Artº 27º - Ponderação da nota da prova oral.

Sempre que se realize uma prova oral, o resultado final será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

ESCLARECIMENTOS SOBRE A AVALIAÇÃO FINAL

A - MELHORIA DE NOTA .

1 - Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de nota no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas cujas notas pretendem melhorar têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministraram os referidos programas.

2 - Os alunos só poderão requerer melhoria de nota na época de recurso (Setembro) do mesmo ano em que tenham obtido aprovação na disciplina ou na época normal (Julho) do ano lectivo seguinte.

3 - Os alunos poderão requerer melhoria de nota relativamente a qualquer disciplina, não devendo ser tida em conta a restrição numérica prevista nestas Observações finais (cf. Ponto B destes Esclarecimentos).

4 - No caso de um aluno se submeter a exame para efeitos de melhoria de nota, prevalecerá a classificação mais elevada.

B - ÉPOCAS DE RECURSO (SETEMBRO) E ESPECIAL (DEZEMBRO)

1 - Na ausência do despacho especial do Reitor da Universidade, o número de exames que os alunos poderão realizar nas épocas de recurso e especial será o seguinte (cf. o Artº 9º da Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro e resolução do Conselho Científico da F.L.U.P. de 28.5.84):

a) Época de recurso: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

b) Época especial: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

2 - Na época especial cada aluno pode prestar provas de exame final em disciplinas a cujo exame nas épocas normal ou de recurso não haja comparecido ou, tendo comparecido, dele haja desistido ou nele haja sido reprovado (até ao número máximo referido no Ponto 1), desde que, com a aprovação em tais disciplinas, reúna as condições necessárias à obtenção do grau ou diploma.

3 - Na época normal de exames finais (Julho) realizam-se duas chamadas para cada disciplina; nas épocas de recurso e especial realiza-se apenas uma.

(Nota: O ponto de vista enunciado no Artº 16º das Normas de avaliação transcritas traduz unicamente a opinião do C. P.).

Calendário das provas em 1989-1990
(Emanado do Conselho Pedagógico)

Cursos de Licenciatura:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 1 a 17 de Fevereiro de 1990

" " - Segundas provas: de 11 a 27 de Junho de 1990

Exame final - Época normal: de 2 a 18 de Julho de 1990 (provas escritas)

" - Época de recurso: de 5 a 19 de Setembro de 1990
(provas escritas).

Ramo educacional:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 1 a 17 de Fevereiro de 1990

" " - Segundas provas: 21 de Maio a 2 de Junho de 1990

Exame final - Época normal: 11 de Junho a 7 de Julho (orais inclusive)

" - Época de recurso: de 5 a 19 de Setembro de 1990 (provas escritas)

Publicações mais recentes da Faculdade de Letras:

Revista de Faculdade de Letras (dir. do Conselho Científico):

Séries de História, 1984/85/86/87/88

Filosofia, 1985 (2 números)/86/87

Línguas e Literaturas, 1984/85/86/87/88 (2 tomos)

Anexos desta série:

I - Problemáticas em História Cultural, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987

II - Bibliografia Cronológica de Espiritualidade em Portugal - 1501-1700, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1988

III - Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (6-7 de Outubro de 1988), Porto, Instituto de Estudos Germanísticos (no prelo)

Geografia, 1985/86/87

Revista de História (Ed. do Centro de História, 1978 ss.. Em 1979/80 publicou as Actas do Colóquio sobre "O Porto na Época Moderna")

Portugalia (Instituto de Arqueologia), 1980 ss. (Em 1983/84 publicou as Actas do "Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste")

Runa (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984

II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, 2 vols., Porto, Centro de História, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor, Porto, Institutos de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation, Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française/ Secção de Sociologia da FLUP, 1988

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928, Porto, 1989

Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1989-1990. Mas para se ter uma ideia aproximada da dimensão da escola, no plano pedagógico, basta notar que os programas desenvolvidos nos cinco cursos de licenciatura e nos cursos do ramo educacional e de tradução se situam na ordem das duas centenas, para 1989-90.

Convém esclarecer que, não se aplicando ao ensino universitário o conceito de "livro obrigatório", as indicações constantes de algumas bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1989

O Conselho Directivo

PROGRAMAS

Nota: Em virtude de o tratamento inicial dos programas haver sido feito na versão 4.2 do processador "Word Perfect" e de, para efeito de tiragem em impressora "laser", ter sido necessário convertê-los para a versão 5.0, encontrar-se-ão algumas anomalias na apresentação dos textos, de que se pedem desculpas.

Docentes: Prof. Doutor Rui Manuel Sobral Centeno
Dr^a Maria Teresa Cordeiro de Moura Soeiro

1. A Arqueologia Clássica.
- 1.1. Introdução histórica.
- 1.2. Problemas e métodos da investigação.
- 1.3. Perspectivas para a Arqueologia Clássica.
2. O urbanismo romano.
- 2.1. Cidade e urbanismo na Antiguidade Clássica.
- 2.2. Antecedentes do urbanismo romano.
- 2.3. Princípios do urbanismo romano.
- 2.4. O desenvolvimento urbano de Roma.
- 2.5. As cidades romanas provinciais.
3. A construção romana.
- 3.1. Materiais e técnicas.
- 3.2. Os diferentes aparelhos utilizados na construção.
- 3.3. As ordens arquitectónicas.
- 3.4. Molduras e elementos decorativos.
4. Os edifícios típicos de uma cidade romana.
- 4.1. Os monumentos públicos de função religiosa, política, administrativa e social.
- 4.2. Os monumentos para a alimentação, utilização e evacuação da água.
- 4.3. A arquitectura doméstica.
- 4.4. As necrópoles.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ADAM, J. P.- La construction romaine: matériaux et techniques, Paris, 1984
- BEDON, R.; CHEVALLIER, R.; PINON, P. Architecture et urbanisme en Gaule romaine, 2 vols., Paris, 1988
- BOETHIUS, A. Etruscan and early roman architecture, Harmondsworth, 1978
- BIANCHI BANDINELLI, R. Rome. Le centre du pouvoir, Paris, 1969
- CAGNAT, R.; CHAPOT, V. - Manuel d'archéologie romaine, 2 vols., Paris, 1917-1920
- CHOISY, A. L'art de batir chez les Romains, Paris, 1873 (reimpr anast, Bolonha, 1984)
- CREMA, L. L'architettura romana, Turim, 1959
- GARCIA Y BELLIDO, A. - Urbanística de las ciudades del Mundo Antiguo, Madrid, 1985
- Arte romano, Madrid, 1972 (reimpr. 1979)
- GINOUVÈS, R. L'archéologie greco-romaine, Paris, 1975

- GINOUVÈS, R., MARTIN, R. Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine, t. I. Matériaux, techniques de construction, techniques et formes du décor, Roma, 1985
- GIOVANNONI, G. - La tecnica della costruzione presso i Romani, Roma, 1925 (reimpr. 1972)
- GRENIER, A. - Manuel d'archéologie gallo-romaine, 4 vols., Paris, 1931-60
- GRIMAL, P. - Les villes romaines, Paris, 1971
- MACDONALD, W. L. - The architecture of the Roman Empire, I. An introductory study; II. An urban appraisal, New Haven/Londres, 1982 e 1986
- MARCHESE, R. T. (ed.) - Aspects of graeco-roman urbanism, Oxford, 1983
- MARTIN, R. - L'urbanisme dans la Grèce Antique, Paris, 1974
- PELLETIER, A. - L'urbanisme romain sous l'Empire, Paris, 1982
- PICARD, G. - Empire Romain, Friburgo, 1965
- Rome, Genebra, 1969
- SAGLIO, E.; DAREMBERG, CH.; POTIER, E. - Dictionnaire des antiquités grecques et romaines, 9 vols., Paris, 1877-1919
- STAMBAUGH, J. E. - The ancient roman city, Baltimore/Londres, 1988
- VARÈNE, P. - Sur la taille de la pierre antique, médiévale et moderne, Dijon, 1982
- VITRUVIUS - De architectura.
- WARD-PERKINS, J. B. - Architettura romana, Milão, 1974
- Cities of Ancient Greece and Italy: planning in Classical Antiquity, Nova Iorque, 1974
- Roman imperial architecture, 1981

Docentes: Prof. Doutor Cândido dos Santos
Dr^a Amélia Polónia

1. O "Outono" da Idade Média.
- 1.1. Os grandes debates intelectuais dos séculos XIV e XV.
- 1.2. Universidades e Escolas.
- 1.3. A "Devotio" Moderna.
2. O "Outono" da Idade Média.
- 2.1. A forma e o símbolo.
- 2.2. A visão do homem e a simbologia da morte.
- 2.3. A "religião dos pobres".
3. O movimento humanístico.
- 3.1. Humanismo e Escolástica.
- 3.2. Humanismo e Reforma.
- 3.3. Programa erasmiano de reforma.
4. Cultura e imaginário colectivo da época barroca.
- 4.1. Componentes de uma mundividência barroca.
- 4.2. O despertar da mentalidade científica.
- 4.3. Religião e irreligião no século XVII.

BIBLIOGRAFIA SELECTIVA

- ARIÈS, Philippe - L'Homme devant la Mort, Paris, Éditions du Seuil, 1977
 "- L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime, Paris, Éditions du Seuil, 1973
- BATAILLON, Marcel - Erasmo y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI, trad. de Antonio Alatorre, 2^a ed., México-Buenos Aires, 1966
 "- Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme, 2^a ed., Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1974
- CEREJEIRA, Manuel Gonçalves - O Renascimento em Portugal, Coimbra Editora, 1975
- CHABOD, Federico - Il Rinascimento, in - "Nuove Questioni di Storia Moderna", vol. I, Milão, Marzorati Editore, pp. 167-203
- CHAUNU, Pierre - La Mort à Paris, XVI, XVII et XVIII siècles, Paris, Fayard, 1978
 "- Le temps des Réformes. Histoire religieuse et système de civilisation, Paris, Fayard, 1975
 "- La Civilisation de l'Europe Classique, Paris, Arthaud, 1970
- "- Église, Culture et Société, Réforme et Contre-Réforme (1512-1620), Paris, Sedes, 1981
- DELUMEAU, Jean - La Peur en Occident (XIVe-XVIII^e siècles),

Paris, Fayard, 1978

- "- Le Péché et la Peur, Paris, Fayard, 1983
"- La Civilisation de la Renaissance, Paris, Arthaud, 1967
"- Le Catholicisme entre Luther et Voltaire, Col. "Nouvelle Clio", Paris, P.U.F., 1971
- FLANDRIN, Jean-Louis - Le Sexe et l'Occident. Évolution des attitudes et des comportements, Paris, Éditions du Seuil, 1981
"- Familles, Parenté, Maison, Sexualité dans l'ancienne société, (ed. revista)Éditions du Seuil, 1984
- GARIN, Eugenio - Moyen Age et Renaissance, trad. Claude Carme, Paris, Gallimard, 1969
"- L'Umanesimo Italiano. Filosofia e vita civile nel Rinascimento, Bari, Editori Laterza, 1965
"- Scienza e vita Civile nel Rinascimento, Bari, Editori Laterza, 1965
- GILMORE, M. P. - Le Monde de L'Humanisme, 1453-1517, Paris, Payot, 1955
- GUSDORF, Georges - La Révolution galiléenne, 2 tomos, Payot, Paris, 1969
- KRISTELLER, Paul Oskar - La tradizione Classica nel pensiero del Rinascimento, Florença, "La Nuova Italia" Editrice, 1965
LAGARDE, Georges de - La naissance de l'esprit laïque au début du Moyen Age, 5 vols., Lovaina-Paris, Éditions Nauwelaerts, 1956
- LE GOFF, Jacques - La naissance du Purgatoire, Éditions Gallimard, Paris, 1981
- LEBRUN, François - Les Hommes et la Mort en Anjou au XVIIe et XVIIIe Siècles, Paris
- MALDONADO, Luís - Religiosidad popular, Nostalgía de lo mágico, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1975
"- Génesis del Catolicismo popular, Madrid, 1979
- MALE, Émile - L'Art Religieux de la fin du Moyen Age en France, 6^e ed., Paris, Armand Colin, 1969
"- L'Art Religieux de la fin du XVI^e siècle du XVII^e siècle et du XVIII^e siècle. Étude sur l'iconographie après le Concile de Trente., Paris Armand Colin, 1972
- MARAVAL, José Antonio - La Cultura del Barroco, Barcelona, Editorial Ariel, S.A., 1983
- MARTINS, J. V. de Pina - Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do século XVI, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1973
- Platon et Aristote à la Renaissance. XVI Colloque international de Tours, Paris, Librairie Philosophique Vrin, 1976
- ROMANO, Ruggiero; TENENTI, Alberto - Los fundamentos del mundo moderno, Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma, 3^a ed., Madrid, Ediciones Castilla, S.A., 1972

- TENENTI, Alberto - La vie et la mort à travers l'art du XVe siècle, 2^e ed., Serge Fleury, 1983
- SÁ, Artur Moreira de - De re Erasmiana. Aspectos do Erasmismo na cultura portuguesa do século XVI, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 1977
- DIAS, J. Sebastião da Silva - Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII), 2 vols., Coimbra, Universidade de Coimbra, 1960
- "- A Política Cultural da Época de D. João III, 2 vols., Coimbra, Universidade de Coimbra, 1969
- VAN TIEGHEM, Paul - La Littérature Latine de la Renaissance, Genève, 1966
- VON MARTIN, Alfred - Sociología del Renacimiento, 3^a ed., México-Buenos-Aires, 1966
- VOVELLE, Michel - Mourir autrefois. Attitudes Collectives devant la mort aux XVIIe et XVIIIe siècles, présenté par, Paris, Éditions Gallimard Julliard, 1974
- "- Vision de la mort et le l'au-de-là en Provence d'après les autels des âmes du Purgatoire, Paris, Colin, 1970
- "- La Mort et l'Occident de 1300 à nos jours, Paris, Gallimard, 1983

EPIGRAFIA E NUMISMÁTICA
I Parte - EPIGRAFIA

Docente: Prof. Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva

1. Introdução.
2. A Epigrafia Latina.
 - 2.1. As inscrições Romanas.
 - 2.1.1. O alfabeto e a escrita.
 - 2.1.2. Os monumentos epigráficos.
 - 2.1.2.1. As inscrições votivas.
 - 2.1.2.2. As inscrições funerárias.
 - 2.1.2.3. As inscrições honoríficas e monumentais.
 - 2.1.2.4. As "tesserae hospitales".
 - 2.1.2.5. Os marcos divisórios e miliários.
 - 2.1.2.6. Varia.
 - 2.1.3. A arqueologia dos monumentos.
 - 2.1.4. Aspectos linguísticos e onomástica.
 - 2.1.5. Sistemas cronológicos.
 - 2.2. A Epigrafia Latina do Norte de Portugal.
 - 2.2.1. Epigrafia, mundo indígena e romanização.
 - 2.2.2. Epigrafia e economia, sociedade, religião e cultura.
 - 2.3. As inscrições medievais.
 - 2.3.1. A epigrafia cristã.
3. A Epigrafia Portuguesa.
4. Conclusão.

Aulas práticas - leitura, transcrição e reprodução de monumentos epigráficos: técnicas, crítica e interpretação.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- BATTLE HUGUET, P. - Epigrafia latina, Barcelona, 1946
- BLOCH, R. - L'Épigraphie latine, P.U.F., Col. Que sais-je?, nº534, Paris, 1952
- CAGNAT, R. - Cours d'épigraphie latine, "L'Erma" di Bretschneider, Roma, 1964 (4^a ed.)
- COSTA, A. J. - Apontamentos de epigrafia. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1972 (2^a ed., dactilog.)
- ENCARNAÇÃO, J. d' - Introdução ao estudo da epigrafia latina, Cadernos de Arqueologia e Arte nº1, Coimbra, 1979; Inscrições romanas do conventus pacensis, Coimbra, 1984
- GORDON, A. E. - Latin epigraphy, Univ. California Press, Berkeley - Los Angeles, London, 1983
- HUBNER, E. - Corpus inscriptionum latinarum (=CIL), II, Berlim, 1869. Suplemento (=CIL II S), 1892
- MALLON, J. - De l'écriture, C.N.R.S., Paris, 1982

- SANDYS, J. E. - Latin epigraphy, 1969 (reimp. de 2^a ed., 1927)
- SILVA, A.C.F. - As tesserae hospitalares do Castro da Senhora Saúde, Gaya, 1, V.N.Gaia, 1926, p. 9-26
- SOUSA, J. M. C. - Apontamentos de epigrafia portuguesa, 2^a ed., 1937
- SUSINI, G. - Il lapiscola romano, Bolonha, 1966
- VIVES, J. - Inscripciones latinas de la España romana, (=ILER), Barcelona, 1971-2

II Parte - NUMISMÁTICA

Docente: Prof. Doutor Rui Manuel Centeno

- I. Introdução.
1. As origens da moeda ocidental.
2. Os elementos da moeda.
3. Técnicas da amoedação.
4. A descrição das moedas e a ordenação de um catálogo.
5. Noções sobre a limpeza e conservação das moedas.
6. A moldagem, o decalque e a fotografia de moedas.
7. Os achados monetários: sua interpretação e estudo.
8. A numismática e a arqueologia.
9. A moeda, testemunho da história.
10. Estatística aplicada à numismática.
11. As novas direcções da investigação numismática.
- III. A numismática romana: uma panorâmica.
- IV. O estudo da circulação monetária: metodologia e problemática.

BIBLIOGRAFIA

- Aspects dela monnaie, "Diogène", 101-102, Paris, 1978
- CARCASSONE, Ch. - Méthodes statistiques en numismatique, Lovaina-a-Nova, 1987
- CASEY, P. J. - Understanding Ancient Coins. An Introduction for Archaeologists and Historians, Londres, 1986
- CENTENO, R. M. S. - Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192, Porto, 1987
- CRAWFORD, M. H. - Roman Republican Coinage, Cambridge, 1974
- GRIERSON, Ph. - Monnaies et monnayage. Introduction à la numismatique, Paris, 1976
- The Origins of Money, Londres, 1977
- HIPÓLITO, M. C. - Dos tesouros de moedas romanas em Portugal, "Conimbriga", II-III, 1960-61, pp. 1-166

- JENKINS, G. K. - Monnaies grecques, Friburgo, 1972
- KOYUMJIAN, D. - The Conservation and Preservation of Ancient Coins, Paris, 1977
- KRAAY, C. M. - Archaic and Classical Greek Coins, Londres, 1876
- MACDOWALL, D. W. - Coin Collections, their Preservation, Classification and Presentation, Paris, 1978
- MATINGLY, H. et alii - The Roman Imperial Coinage, 10 vols., Londres, 1923-1984 (vol. X ainda não publicado)
- Metallurgy in Numismatics, vol. I e II, Londres, 1980 e 1981
- Methods of Chemical and Metallurgical Investigation of Ancient Coinage, Londres, 1972
- Numismatics and Conservation, Durham, 1980
- Numismatique antique. Problèmes et méthodes. Actes du Colloque organisé à Nancy, Nancy/Lovaina, 1975
- PEREIRA, I. et alii - Fouilles de Conimbriga. III. Les monnaies, Paris, 1974
- Statistics and Numismatics, "PACT", 5, Estrasburgo, 1981
- SUTHERLAND, C. H. V. - Monnaies romaines, Friburgo, 1974
- VILLARONGA, L. - Numismática antigua de Hispania. Iniciación a su estudio, Barcelona, 1979
- Estadística aplicada a la numismática, Barcelona, 1985
- VIVES Y ESCUDERO, A. - La moneda hispánica, 5 vols. + 1 vol de ests., Madrid, 1924-1926
- WILL, Éd. - Fonctions de la monnaie dans les cités grecques de l'Époque Classique, in "Numismatique antique. Problèmes et méthodes", Actes du Colloque organisé à Nancy, Nancy/Lovaina, 1975, pp. 233-246
- Adenda
- LOMBARDO, M. Elementi per una discussione sulle origini e funzioni delle monete coniate, "Annali del Istituto Italiano di Numismatica", 26, 1979, pp. 75-121
- La Numismatica e il Computer. Atti del 1º Incontro Internazionale... Milano, 21-22 maggio 1984, "Bolletino di Numismatica", Supplemento al n° 1, Roma, 1984

Docente: Prof. Doutor Joaquim Jaime B. Ferreira Alves

1. Introdução.
2. Renascimento.
- 2.1. Arquitectura.
- 2.2. Os escultores João de Ruão e Nicolau Chanterene.
- 2.3. Pintura.
3. Maneirismo.
- 3.1. Arquitectura.
- 3.2. Pintura.
4. Barroco.
- 4.1. Arquitectura.
- 4.2. Pintura.
- 4.3. Talha e azulejo no século XVIII.
5. A arquitectura civil do século XVI ao século XVIII.
6. A ourivesaria dos séculos XVII e XVIII.

ALVES, Joaquim Jaime J. B. F. - A Cadeia e Tribunal da Relação do Porto, Porto, Separata do "Boletim do Arquivo Distrital do Porto", Vol. II, 1985

BORGES, Nelson Correia - João de Ruão. Escultor da Renascença Coimbrã, Coimbra, Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1980

CARVALHO, Ayres de - D. João V e a arte do seu tempo, 2 vols., Lisboa, Edição do Autor, 1962

DIAS, Pedro - Nicolau Chanterene. Escultor da Renascença, Lisboa, Publicações Ciência e Vida, 1987

GONÇALVES, Flávio - A construção da actual Casa do Cabido da Sé do Porto, Porto, Livraria Fernando Machado, 1970

"- A arte no Porto na época do Marquês de Pombal, Porto, Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras do Porto, 1984

HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL, vols. 6, 7, 8, 9, Lisboa, Publicações Alfa, 1986

KUBLER, G./SORIA, M. - Art and architecture in Spain and Portugal and their American Dominions, Harmondsworth, Penguin Books, 1959

KUBLER, G. - Portuguese Plain Architecture between Spices and Diamonds 1521-1706, Middletown, Wesleyan University Press, 1972

PEREIRA, José Fernandes - Arquitectura barroca em Portugal, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação e Cultura, 1981

SEGURADO, Jorge - Francisco D'Olinda, Lisboa, Edições Excelsior, s/d.

SERRÃO, Vitor - A pintura maneirista em Portugal, Lisboa,

Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação,
1982

- SILVA, Jorge Henrique Pais da - Estudos sobre o maneirismo,
Lisboa, Editorial Estampa, 1983
- SIMÕES, J. M. dos Santos - Azulejaria em Portugal no século
XVIII, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979
- SMITH, Robert C. - A talha em Portugal, Lisboa, Livros
Horizonte, 1962
- "- Nicolau Nasoni. Arquitecto do Porto, Lisboa, Livros
Horizonte, 1966
- "- The Art of Portugal 1500-1800, New York, Meredith Press,
1968

Docente: Profª Doutora Natália Marinho Ferreira Alves

1. Introdução.
- 1.1. Abordagem metodológica dos temas a desenvolver durante o ano lectivo.
- 1.2. Âmbito cronológico da disciplina.
2. O "trecento" italiano e a sua importância para a eclosão do fenómeno renascentista.
 - 2.1. Giotto: aspectos inovadores da sua pintura.
 3. A Flandres no séc. XV: o desenvolvimento da pintura a óleo.
 - 3.1. Características gerais da escola dos Primitivos Flamengos.
 - 3.2. Principais vultos: Jan van Eyck; Roger van der Weyden; Hans Memling; Hugo van der Goes; Petrus Christus; Gerard David.
 4. O "quattrocento" italiano.
 - 4.1. O aparecimento de uma nova estética: o contributo da Academia Neoplatónica florentina e o papel dos Médicis.
 - 4.2. As grandes conquistas no domínio espacial: as leis da perspectiva linear.
 - 4.3. O desenvolvimento dos estudos anatómicos e a importância crescente da fisionomia.
 - 4.4. Filippo Brunelleschi e Leão Battista Alberti: a nova expressão arquitectónica.
 - 4.5. A escultura da Primeira Renascença e o contributo de Ghiberti, Donatello e dos Della Robbia.
 - 4.6. A pintura do "quattrocento".
 - 4.6.1. Os progressos observados na pintura.
 - 4.6.2. A importância das figuras de Masaccio e de Piero della Francesca.
 - 4.6.3. Escolas mais representativas e vultos mais relevantes.
 5. A Alta Renascença.
 - 5.1. A importância crescente de Roma. O papel decisivo dos Papas.
 - 5.2. As transformações arquitectónicas em Roma e a acção de Bramante; Miguel Ângelo, Rafael e outros.
 - 5.3. O legado de Palladio.
 - 5.4. O impacto da obra escultórica de Miguel Ângelo: de Florença a Roma.
 - 5.5. A pintura no séc. XVI.
 - 5.5.1. Leonardo da Vinci e o "sfumato".
 - 5.5.2. Rafael Sanzio e a "morbidezza".

- 5.5.3. Miguel Angelo: as pinturas da abóbada e o Juizo Final na Capela Sistina; os frescos da Capela Paulina.
- 5.5.4. A escola veneziana: Tiziano Veronese e Tintoretto.
6. O Maneirismo.
- 6.1. Definição de maneirismo. Características gerais da corrente maneirista.
- 6.2. Introdução à arquitectura e à escultura maneiristas.
- 6.3. A pintura maneirista italiana.
- 6.3.1. As figuras de Miguel Angelo e de Rafael e a génese da pintura maneirista.
- 6.3.2. A escola florentina: Bronzino e Pontorno.
- 6.3.3. A escola de Parma: Correggio e Parmigianino.
7. O Barroco.
- 7.1. Introdução geral à problemática do Barroco.
- 7.2. Introdução à arquitectura e à escultura barrocas.
- 7.3. A pintura barroca italiana: as vertentes realista e classicizante. Guido Reni, os Carracchi e Caravaggio.
- 7.4. Facetas diversificadas da pintura barroca: as escolas francesa, flamenga, holandesa e espanhola.

BIBLIOGRAFIA

- ARGAN, Giulio Carlo - XVe. Siècle. De van Eyck à Botticelli, Paris, Skira/Flammarion
- " - L'Europe des Capitales (1600-1700), Paris, Skira/Flammarion, 1964
- BABELON, Jean - L'Art Espagnol, Paris, P.U.F., 1963
- BATTISTI, Eugenio - La Renaissance à son apogée et le premier Maniérisme, Paris, Albin Michel, 1977
- BAZIN, Germain - Classique, Baroque et Rococo, Paris, Larousse, 1965
- Destins du Baroque, Paris, Hachette, 1968
- BENEVOLO, Leonardo - Storia dell' Architettura del Rinascimento, Roma, Laterza, 1978
- CHARPENTRAT, Pierre - L'Art Baroque, Paris, P.U.F., 1967
- Baroque. Italie et Europe Centrale, Fribourg, Office du Livre, 1964
- CHASTEL, André - Art et Humanisme à Florence au Temps de Laurent le Magnifique, Paris, P.U.F., 1961
- Les Arts d'Italie, vol. 2, Paris, P.U.F., 1963
- Le Grand Atelier d'Italie (1460-1500), Paris, Gallimard, 1965
- La Renaissance Méridionale (Italie. 1460-1500), Paris, Gallimard, 1965
- La Crise de la Renaissance. 1520-1600, Genève, Skira, 1968

- Skira, 1969 Le Mythe de la Renaissance (1420-1520), Genève,
- Armand DELUMEAU, Jean - L'Italie de Botticelli à Bonaparte, Paris,
Colin, 1974
 - Rome au XVIe Siècle, Paris, Hachette, 1975
- 1971 HAGER, Werner - Architecture Baroque, Paris, Albin Michel,
- HEYDENREICH, Ludwig - Éclosion de la Renaissance. Italie.
1400-1460, Paris, Gallimard, 1972
- Eyck, LASSAIGNE, Jacques - La Peinture Flamande. Le Siècle de Van
Eyck, Genève, Skira, 1957
- Ariel, 1975 MARAVALL, José Antonio - La Cultura del Barroco, Barcelona,
- PANOFSKY, Erwin - Renascimento e Renascimentos na Arte
Ocidental, Lisboa, Editorial Presença, 1981
- 1970 PASSAVANT, Günter - Le Temps des Génies, Paris, Gallimard,
- Milano, PORTOGHESI, Paolo - Architettura del Rinascimento a Roma,
Electa Editrice, 1978
- Catedra, 1978 SEBASTIAN, Santiago - Arte y Humanismo, Madrid, Ediciones
Editorial, 1981 Contrarreforma y Barroco, Madrid, Alianza

H37 HISTÓRIA DOS DESCOBRIMENTOS E DA EXPANSÃO PORTUGUESA

Docentes: Prof. Doutor Aurélio de Oliveira
Dr. José Maciel Moraes Santos

1. Apresentação e Temário Geral.
2. Âmbito e Natureza da "Expansão Medieval Portuguesa".
3. Ceuta e os primórdios da Expansão.
4. Exploração/Integração geográfica e territorial na área do Atlântico durante o séc. XV.
5. Os Portugueses no Índico. Vectores de Integração geográfica e económica do complexo oriental. A exploração comercial da Rota do Cabo.
6. Os Portugueses no Atlântico Ocidental. O Brasil. As grandes linhas de força da integração/exploração e do Brasil - séc. XVI-XIX.
7. Significado e importância global dos descobrimentos Portugueses para História da Cultura e das Civilizações.
8. (Se houver tempo):
Vectores fundamentais do "regresso" a África no século XIX.

Docentes: Prof. Doutor Luís A. de Oliveira Ramos
Dr. Jorge Ribeiro

1. População, economia e jerarquias sociais do quinhentismo. Estrutura e funcionamento do governo. O movimento cultural.
2. A perda da independência. Portugal das Cortes de Tomar ao governo do Conde-Duque de Olivares.
3. 1640: génesis, afirmação e consolidação do movimento restaurador.
4. Riquezas metropolitanas e ultramarinas no último quartel do século XVII. A política mercantilista.
5. Descoberta e caminhos do ouro brasileiro. O tratado de Methuen: suas condicionantes.
6. Portugal e a Guerra de Sucessão de Espanha. Aspectos essenciais da governação joanina.
7. A sociedade e a cultura portuguesa na segunda metade do século XVIII. Tensões que preludiam o liberalismo.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Martim de - O poder polftico no renascimento português, Lisboa, 1968
- ALMEIDA, Fortunato de - História da Igreja em Portugal, 4 vols., Porto, Livraria Civilização Editora, 1971
- BENNASSAR, Bartolomé - La España del siglo de oro, Barcelona, Editorial Crítica, 1983
- BLUCHE, François - Le despotisme éclairé, Paris, Fayard, 1968
- BRAUDEL, Fernand - O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II, col. Anais, 2 vols., Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983-84
- CRUZ, M^a do Rosário S. T. Barta de Azevedo - As regências na menoridade de D. Sebastião. Elementos para uma história estrutural, 2 vols., Lisboa, 1983 (tese de doutoramento policopiada)
- FISHER, H. E. S. - De Methuen a Pombal. O comércio anglo-português de 1700 a 1770, Lisboa, Gradiva, 1984
- GIL, M^a Olímpia da Rocha - Arroteias no Vale do Mondego durante o século XVI. Ensaio de História agrária, Lisboa, 1965
- GODINHO, Vitorino Magalhães - Prix et monnaies au Portugal 1750-1850, Paris, Armand Colin, 1955
- "- A estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa, 3^a ed., col. Temas Portugueses, Lisboa, Arcádia, 1977
- "- Ensaios, vol. II, Sobre História de Portugal, 2^a ed., Lisboa, Livraria da Costa Editora, 1978

- GOUBERT, Pierre - L'Ancien Régime, 2 vols., Paris, Armand Colin, 1969
- HANSON, Carl A. - Economia e Sociedade no Porr Barroco, col. Anais, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986
- HESPAÑHA, António Manuel - As vésperas do Leviathan. Instituições e Poder Político. Portugal século XVII, 1986
- LABOURDETTE, Jean-François - Le Portugal de 1780 à 1802, col. Regards sur l'Histoire, Paris, SEDES, 1985
- MACEDO, Jorge Borges de - A situação económica no tempo de Pombal, 2^a ed., Lisboa, Moraes Editores, 1982
- "- Problemas de História da indústria portuguesa no século XVIII, 2^a ed., Lisboa, Querco, 1982
- "- História Diplomática Portuguesa. Constantes Linhas de força, col. Defesa Nacional, s.l., Instituto de Defesa Nacional, 1987
- MAGALHÃES, Joaquim Antero Romero de - Para o estudo do Algarve económico do século XVI, Lisboa, Edições Cosmos, 1970
- "- O Algarve económico 1600-1773, col. Imprensa Universitária, 69, Lisboa, Editorial Estampa, 1988
- MARQUES, A. H. de Oliveira - História de Portugal, 3 vols., Lisboa, 1982
- MAURO, Frédéric - Le Portugal, le Brésil et l'Atlantique au XVIIe siècle, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983
- MÉTHIVIER, Hubert - L'Ancien Régime, 7^a ed., col. Que Sais-je?, 925, Paris, P.U.F., 1979
- MONCADA, L. Cabral - O século XVIII na Legislação de Pombal, in "Es tudos de História de Direito", Coimbra
- OLIVEIRA, António de - A vida económica e social de Coimbra de 1537 a 1640, 2 vols., Coimbra, 1971-1972
- "- Levantamentos populares do Algarve em 1637-1638. A repressão. "Revista Portuguesa de História", Coimbra, 20, 1984
- OLIVEIRA, Aurélio - A Abadia de Tibães 1630/80-1813. Propriedade, exploração e produção agrícola no vale do Cávado durante o Antigo Regime, 2 vols., Porto, 1979 (tese de doutoramento policopiada)
- ORTIZ, Antonio Domínguez - El Antiguo Régimen: Los Reyes Católicos y los Austrias, 6^a ed., Madrid, Ediciones Alfaguara/Alianza Editorial, 1979
- PERES, Damião (dir. de) - História de Portugal, Barcelos, Portuense Editora, 1934
- RAMOS, Luís A. de Oliveira - Da Ilustração ao Liberalismo, Porto, Lello e Irmão Editores, 1979
- "- O Porto e as origens do Liberalismo, col. Documentos e Memórias para a História do Porto, vol. 43, Porto, Câmara Municipal do Porto/Gabinete de História da Cidade, 1980
- "- Portugal 1500-1650, in "KELLENBENZ, Hermann Handbuch der

europeeschen Wirtschafts und Sozialgeschichte", band 3, Klett-Cotta, 1986, p. 799-821

"- Sob o signo das "Luzes", col. Temas Portugueses, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988

SÉRGIO, António - Antologia dos economistas portugueses (século XVII), Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1974

SERRÃO, Joaquim Veríssimo - História de Portugal, vols., III a VII, Lisboa, Verbo, 1978-1984

SIDERI, Sandro - Comércio e Poder. Colonialismo informal nas relações anglo-portuguesas, Lisboa, Edições Cosmos, 1978

SILVA, Francisco Ribeiro da - O Porto e o seu termo (1580-1640). Os homens, as instituições e o poder, 2 vols., col. Documentos e Memórias para a História do Porto, Porto 46, Arquivo Histórico/Câmara Municipal do Porto, 1988

A bibliografia específica será indicada ao longo do curso.

Docentes: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva
 Dr. Ivo Carneiro de Sousa

1. As grandes linhas da evolução económica do mundo moderno.
 - 1.1. a expansão e o capitalismo do séc. XVI.
 - 1.2. a crise do séc. XVII.
 - 1.3. o apogeu do século XVIII.
2. As estruturas e as hierarquias sociais do Antigo Regime.
 - 2.1. a aristocracia e a nobreza.
 - 2.2. o clero.
 - 2.3. os mesteirais e o campesinato.
 - 2.4. a burguesia.
3. Sistemas de governo e formas de poder.
 - 3.1. os impérios.
 - 3.2. as monarquias absolutas.
 - 3.3. os sistemas liberais.
4. Revoluções e rebeliões na época moderna.
 - 4.1. as pré-condições de revolta.
 - 4.2. os processos de subversão.
 - 4.3. os resultados, a pressão.

BIBLIOGRAFIA

- ASTON, Trevor - Crisis en Europa 1560-1660, Madrid, Alianza Editorial, 1983
- BENNASSAR, B.; JACQUART, F. E outros - Histoira Moderna, Madrid, Akal, 1980
- BENNASSAR, Bartolomé - La America Española y la America Portuguesa - siglos XVI-XVIII, Madrid, Akal, 1980
- BERCÉ, Yves-Marie - Revoltes et révolutions dans l'Europe moderne - XVI-XVIII siècles, Paris, PUF, 1980
- BRAUDEL, Fernand - Civilisation matérielle, économie et capitalisme, XV-XVIII siècles, 3 vols., paris, A. Colin, 1979
 - El mediterraneo y el mundo mediterraneo en la epoca de Felipe II, Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1980
- BURGUIÈRE, André - Dictionnaire des Sciences Historiques, sous la direction de..., Paris, PUF, 1986
- CHAUSSINAND-NOGARET, G. - La Noblesse au XVIII siècle. De la Feodalité aux Lumières, Bruxelas, Editions Complexe, 1984
- CIPOLLA, Carlo M. - Historia Económica da Europa Pré-industrial, Lisboa, Edições 70, 1984
- DEYON, Pierre - O Mercantilismo, Lisboa, Gradiva, 1983
- DOMINGUEZ ORTIZ, Antonio - Las classes privilegiadas en el Antiguo Régimen, Madrid, Ediciones Istmo, 1985
 - Política Fiscal y cambio social en la España del siglo

- XVII., Madrid. Instituto de estudios fiscales, 1984
- DUBY, Georges - Atlas historique, Paris, 1987
- ELLIOTT, J. H. - O velho mundo e o novo 1492-1650, Lisboa, Querco, 1984
- ELLIOTT, J. H. e outros - Revoluciones y rebeliones de la Europa moderna, Madrid, Alianza Editorial, 1978
- ERHARD, J. B.; GEICH, J. B. e outros - Que es la Ilustración?, Madrid, 1988
- Etats, Fiscalités, Economies. Actes du cinquième congrès de l'Association Française des Historiens Economistes, paris, 1985
- FRITZ, Gerard - L'idée de peuple en France du XVIIe au XIXe siècle, Estrasburgo, 1988
- GOUBERT, Pierre L'Ancien Régime 1 - La Société; 2 - Les Pouvoirs, Paris, A. Colin, 1973
- GRAVES, M. A. R. - Elisabethan Parliaments 1559-1601, Londres, 1987
- JONES, E. L. - O milagre europeu (1400-1800), Lisboa, Gradiva, 1987
- KAMEN, Henry - La Sociedad Europea (1500-1700), Madrid, Alianza Editorial, 1986
- LAPEYRE, Henri - Les monarchies européennes du XVI siècle. Les relations internationales, Paris, PUF, 1967
- LE ROY-LADURIE, E. - Les monarchies, sous la direction de..., Paris, PUF, 1986
- LÉON, Pierre - Economies et société pré-industrielles. Tome 2 -1650-1780, A. Colin, 1970
- História Económica e social do Mundo, vol. II, Tomo I e II, Lisboa, Sá da Costa, 1983
- MANDROU, Robert - La raison du Prince. L'Europe absolutiste 1649-1775, Verviers, Marabout, 1980
- MAURO, Frédéric - L'Expansion européenne, paris, PUF, 1964
- Europa en el siglo XVI Aspectos económicos, Barcelona, Labor, 1976
- MOUSNIER, Roland - As hierarquias sociais. de 1450 aos nossos dias, Lisboa, Europa-América, 1974
- La monarquía absoluta en Europa del siglo V a nuestros días, Madrid, Ediciones Taurus, 1986
- Politics and Society in Reformation Europe, Essays for Sir Geoffrey Elton, Londres, 1987
- MOLAS, Pere - La burguesia mercantil en la España del antiguo régimen, Madrid, Cátedra, 1985
- VAN BATHES, Slicher - Historia Agraria da Europa Occidental 1500-1850, Porto, 1984
- VRIES, Jan de - A economia da Europa numa época de crise, Lisboa, D. Quixote
- STRADLING, R. A. - Europa y el declive de la estructura

imperial española 1580-1720, Madrid, Cátedra, 1983

WALLERSTEIN, Immanuel - Y-at-il une crise du XVIie siècle?
in "Annales ESC", Paris, Jan.-Março, 1979

ZAGORIN, Perez - Revueltas y revoluciones en la Edad Moderna

T. 1 - Movimientos campesinos y urbanos, Madrid, 1985

T. 2 - Guerras revolucionarias, Madrid, 1986

R01 INTRODUÇÃO ÀS CIÉNCIAS DA EDUCAÇÃO

Docentes: Prof. Doutor Fortunato Queirós
Prof. Doutor Adalberto Dias Vieira de Carvalho
Dr^a Margarida Louro Felgueiras
Dr^a M^a Amélia Lopes

1. Problemática epistemológica

1.1. Aspectos da evolução recente da investigação educacional.

1.1.1. O processo de definição da educação como objecto de estudo científico.

1.1.2. O debate qualitativo-quantitativo.

1.2. Quadro geral das Ciéncias da Educação.

1.2.1. A questão da identidade, da autonomia e da abertura das Ciéncias da Educação.

2. Problemática histórica

2.1. Matrizes culturais do pensamento pedagógico.

2.2. Aspectos da história do Ensino.

3. Problemática pedagógica

3.1. A crise da pedagogia tradicional: seu sentido e actualidade.

3.2. O debate pedagogias da esséncia/pedagogias da existéncia; directividade/ não directividade; pedagogias da hetero-estruturação, da autoestruturação e da interestruturação.

3.3. Características e significado das pedagogias do projecto.

3.4. A formação de professores: o desafio da formação-investigacão.

3.5. Por uma pedagogia da complexidade ...

4. Problemática sociológica

4.1. Condicionantes sociais da educação: uma perspectiva crítica.

4.1.1. O insucesso escolar.

5. Problemática antropológica

5.1. A educabilidade como dimensão antropológica.

5.2. Reprodução, criatividade e cultura escolar.

5.3. Projecto e utopia.

5.4. O corpo social e o corpo pedagogizado.

5.5. Razão e imaginação.

5.6. Liberdade e autoridade.

5.7. Recompensas e punições: um sentido antropológico.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- AVANZINI, G. - A pedagogia no século XX, Lisboa, Moraes, 1978.
- CARVALHO, A. - Epistemologia das Ciências da Educação, Porto, Afrontamento, 1988.
- CLAUSSE, A. - A relatividade educativa. Esboço de uma história e de uma filosofia da escola, Coimbra, Almedina, 1976.
- DE LANDSHEERE, G. - A investigação experimental em Pedagogia, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986.
- FABRE, A. - L'école active expérimentale, Paris, P.U.F., 1972.
- MIALARET, G. - As Ciências da Educação, Lisboa, Moraes, 1976.
- NOT, L. - Les pédagogies de la connaissance, Toulouse, Privat, 1979.
- NOT, L.; BRU, M. (sob direcção de) - Où va la pédagogie du project?, Toulouse, Ed. Universitaire du Sud, 1987.
- NOT, L. (sob direcção de) - Une science spécifique pour l'éducation?, Toulouse, Publi. de L'Univ. de Toulouse-le-Mirail, 1984.
- RESWEBER, J. P. - Les pédagogies nouvelles, Paris, P.U.F., 1986.
- SYNDERS, G. - Para onde vão as pedagogias não directivas?, Lisboa, Moraes, 1976.
- SUCHODOLSKI, B. - A pedagogia e as grandes correntes pedagógicas, Lisboa, Livros Horizonte, 1972.

RO2 PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM

Docentes: Prof. Doutor Adalberto Dias de Carvalho
Dr. José Azevedo
Dr^a Fernanda Martins
Dr^a Bárbara Figueiredo

1. Objectivos gerais

- Situar o estudo da adolescência no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento.
- Identificar as principais características da adolescência.
- Analisar as implicações do conhecimento da Psicologia da Adolescência na prática educativa.

Identificar as principais Teorias da Aprendizagem e suas implicações psicopedagógicas;

- Relacionar aprendizagem e desenvolvimento como componentes de um estudo global do adolescente em situação educativa.
- Aplicar os conhecimentos a situações de ensino/aprendizagem.

2. Conteúdo programático

I. Psicologia e Educação.

1. Objecto e método da Psicologia: a Psicologia como ciéncia experimental.

2. Correntes actuais da Psicologia.

3. A Psicologia na formação de professores.

II. Psicologia do Desenvolvimento.

1. Fontes e objectivos da Psicologia do Desenvolvimento.

2. Abordagem global do Desenvolvimento Humano.

2.1. Factores do desenvolvimento.

2.2. Processos do desenvolvimento.

2.3. Teorias do desenvolvimento humano e suas implicações educacionais.

2.3.1 teoria cognitivo-desenvolvimental de PIAGET e KOHLBERG;

2.3.2. Teoria psicanalítica de FREUD.

2.3.3. Teoria psicosocial de ERIKSON.

2.3.4. teoria bio-psico-social de WALLON.

3. Abordagem específica do Desenvolvimento do Adolescente.

3.1. Introdução ao conteúdo de adolescência.

3.1.1. Perspectiva histórica e antropológica.

3.1.2. Adolescência no ciclo de vida (definição, duração e problemática).

3.2. Desenvolvimento físico e psico-sexual .

3.3. Desenvolvimento cognitivo.

3.4. Desenvolvimento moral.

3.5 Desenvolvimento interpessoal.

- 3.6. Construção da Identidade.
 4. Abordagem específica do Desenvolvimento do Adulto.
- III. Psicologia da Aprendizagem.
1. Definição e características da aprendizagem.
 2. Principais concepções de aprendizagem e suas implicações psicopedagógicas.
- 2.1. Teorias Behavioristas.
 - 2.1.1. PAVLOV e o modelo do condicionamento clássico.
 - 2.1.2. SKINNER e o modelo do condicionamento operante.
 - 2.2. Teoria da Aprendizagem Social.
 - 2.3. Teorias Cognitivas.
 - 2.3.1. PIAGET e o processo de equilíbrio.
 - 2.3.2. BRUNER e o processo activo de aprendizagem.
 - 2.3.3. AUSUBEL e a aprendizagem significativa.
 - 2.4. Teoria Humanista.
3. O ensino e a aprendizagem como um processo de resolução de problemas.
 - 3.1. GAGNE e a aprendizagem cumulativa.
 4. Aprendizagem, motivação e desenvolvimento.

3. BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- BEE, H.- A criança em desenvolvimento, S. Paulo, Harper & Row do Brasil, 1984
- CLAES, M.- Os problemas da Adolescência, Lisboa, Verbo, 1985
- GALLATIN, J.- Adolescência e Individualidade, S. Paulo, Harper & Row do Brasil, 1978
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. - O mundo da criança: da infância à adolescência, S. Paulo, Mc Graw Hill do Brasil, 1981
- PIAGET, J.- Os seis estudos de psicologia, Lisboa, Ed. D. Quixote, 1974
- SNOWMAN, B.- Psychology Applied to Teaching, Boston, Houghton Mifflin Company, 1986
- SPRINTHAL, N.; COLLINS, A. - Adolescent Psychology: a Developmental view, New York, Random House, 1984
- SPRINTHAL, N.; SPRINTHAL, R. - Educational Psychology: a Developmental Approach, New York, Random House, 1981
- TAVARES, J.; ALARCÃO, I - Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, Coimbra, Almedina, 1985

DISCIPLINAS SÓ DE OPÇÃO

Docente: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva

1. As origens do burgo portuense: ponto da situação dos conhecimentos actuais.
 2. A cidade medieval.
 - 2.1. De couto episcopal a burgo de jurisdição régia.
 - 2.2. Administração municipal durante a Idade Média.
 - 2.3. Vectores de desenvolvimento económico.
 - 2.4. A Cidade e o Termo.
 3. O Porto na época moderna.
 - 3.1. Sociedade, economia e administração do Porto na época moderna.
 - 3.2. O crescimento da cidade no século XVIII. Aspectos urbanísticos.
 4. O Porto no século de Oitocentos.
 - 4.1. O Porto e as vicissitudes políticas do País.
 - 4.2. Sociedade e economia no séc. XIX.
- Sugestões de temas para investigação
- . O Porto e a expansão portuguesa.
 - . Instituições de cultura na cidade.
 - . O Porto e a industrialização (sécs. XIX-XX).
 - . Recolha (exhaustiva?) da bibliografia sobre o Porto.

BIBLIOGRAFIA

Para cada tema será indicada a bibliografia específica.

Como instrumento de trabalho e obras de consulta sugere-se o seguinte:

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui in Archivo Municipalis Portucalensi asservantur..., 5 vols., 1911-1961
Colecção "Documentos e Memórias para a História do Porto", 46 vols., Porto, 1936-1988

História da Cidade do Porto segundo plano de A. Magalhães Basto e dir. de Damião Peres e António Cruz, 3 vols., Porto, 1962-1965

Nova Monografia do Porto organizada por Carlos Bastos, Porto, 1938

COSTA, Pe Agostinho Rebelo da - Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto, 2^a edição, Porto, 1945

CUNHA, D. Rodrigo da - Catálogo e História dos Bispos do Porto, Porto, 1623

NOVAES, Manuel Pereira de - Anacrisis historial, Vol. IV da Colecção de Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto, 1918

Docente: Dr. Agostinho Araújo

1. Problemática de uma ciência jovem.
0. Introdução.
 - 0.1. Historicidade e especificidade da Arte.
 - 0.2. A Arte e a Sociedade, hoje.
 - 0.3. A Sociologia e sua crescente subespecialização.
1. Evolução da estética sociológica.
 - 1.1. Um precursor: Diderot.
 - 1.2. Os fundadores da Sociologia Geral perante a actividade artística.
 - 1.3. Tentativas de enfoques sociológicos de alguns críticos e filósofos.
 - 1.3.1. H. Taine.
 - 1.3.2. J. M. Guyau.
 - 1.3.3. Ch. Lalo.
 2. Tendências sociológicas na Historiografia da Arte.
 - 2.1. A Escola de Viena (A. Riegl, F. Wickoff, M. Dvorak, H. Sedlmayr).
 - 2.2. Influência da Escola de Viena.
 - 2.2.1. F. Antal.
 - 2.2.2. W. Weisbach.
 - 2.3. Warburg e os seus discípulos.
 - 2.3.1. A. Warburg.
 - 2.3.2. F. Saxl.
 - 2.3.3. O Instituto Warburg.
 - 2.3.4. E. Panofsky.
 - 2.4. W. Benjamin.
 - 2.5. Os marxistas (M. Eaphael, A. Hauser, E. Fischer, N. Hadjinicolaou).
 3. A Sociolo Arte fundada por Pierre Francastel.
 - 3.1. Fundamentação global.
 - 3.2. Conceitos operatórios.
 - 3.3. Programa de pesquisa.
 4. J. Duvignaud: do Teatro até uma "sociologia global do imaginário"
 - II. Amostragem de Análises práticas
 0. Carácter ainda fragmentário dos ensaios "de campo" no domínio da sociologia das artes visuais.
 1. Sociologia das condições sociais de criação.
 - 1.1. Mecenato.
 - 1.2. Programa imposto.
 - 1.3. Responsabilidade político-cultural de Estado.
 - 1.4. Arte oficial.

- 2 Sociologia da criação.
- 2.1. Estatuto social dos artistas.
- 2.2. Organização de trabalho e tipos sociais de artistas.
- 2.3. Os objectos figurativos: ampla exemplificação.
3. Sociologia das condições sociais de utência.
- 3.1. Instituições (Galerias, Exposições, Concursos).
- 3.2. Modas.
- 3.3. Meios de publicidade.
- 3.4. Técnicas de reprodução.
4. Sociologia da utência.
- 4.1. Colecções.
- 4.2. Frequência de museus.
- 4.3. Consumo de literatura artística.
- 4.4. Níveis de gosto .

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ANTAL, Frederik - Florentine Painting and its Social Background, London, Routledge and Kegan Paul, 1948
 "- Clasicismo y romanticismo, Madrid, A. Corazón, 1978
- BASTIDE, Roger - Arte e Sociedade, 2^a ed., São Paulo, Universidade de São Paulo, 1971
- BAYER, Raymond - História da Estética, Lisboa, Estampa, 1979
- BECKER, Howard - Arte como acção colectiva, in "Uma Teoria da Acção Colectiva", Rio de Janeiro, Zahar, 1977, pp. 205-225
 "- Mundos artísticos e tipos sociais, in "Arte e Sociedade. Ensaios de Sociologia da Arte", Rio de Janeiro, Zahar, 1977, pp. 9-26
- BENJAMIN, Walter - A obra de arte no tempo de suas técnicas de reprodução, in "Sociologia da Arte - IV", Rio de Janeiro, Zahar, 1969, pp. 15-47
- BERGER, John - Modos de ver, Lisboa, Edições 70, 1982
- BOURDIEU, Pierre - Elementos de una teoría sociológica de la percepción artística, in "Sociología del arte", Buenos Aires, Nueva Visión, 1972, pp. 43-80
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A. - L'amour de l'art. Les musées et leur public, Paris, Minuit, 1966
- BREST, J. Romero - El gusto, la moda y el arte visual, in "Colóquio/Artes", Lisboa, 36, Março de 1978, pp. 45-50
- CLARK, Kenneth - Que es una obra maestra?. Barcelona, Icaria, 1980
- CREEDY, Jean - O contexto social da arte, Rio de Janeiro, Zahar, 1975
- DAMISCH, Hubert; DE SETA, C. e outros - Artes/ Artista/ Objecto/ Produção artística/ Atribuição Artesanato, in "Enciclopédia Einaudi", vol. 3, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp.

- DEINHARD, Hanna - Reflections on Art History and Sociology of Art, in "Art Journal", New York, 25 (1), 1975, pp. 29-32
- DIDEROT/FALCONET Le Pour et le Contre, Paris, Les Editeurs Français Réunis, 1958
- DORFLES, Gillo - Oscilações do gosto, Lisboa, Horizonte, 1974
- "- Símbolo, comunicación y consumo, 2^a ed., Barcelona, Lumen, 1975
- DUFRENNE, Mikel - Art et politique, Paris, Union Générale d'Éditions, 1974
- DUFRENNE, Mikel e outros - A Estética e as Ciências da Arte, 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1982
- DUVIGNAUD, Jean - Problemas de Sociologia da Arte, in "Sociologia da Arte - I", 2^a ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1971, pp. 23-36
- "- Sociologie de l'Art, Paris, Presses Universitaires de France, 1972
- "- Sociologia da Arte, in "Sociologia" (direc. G. Eisermann), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, pp. 439-474
- ECO, Umberto - A estrutura ausente, 3^a ed., São Paulo, Perspectiva, 1976
- FERRIER, Jean-Louis - La forme et le sens. Éléments pour une sociologie de l'art, Paris, Denoel, 1975
- "- Holbein. Les Ambassadeurs. Anatomie d'un chef-d'œuvre, Paris, Denoel, 1977
- FISCHER, Ernst - A Necessidade da Arte, 9^a ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983
- FRANCSTEL, Galienne - Sociologie de l'Art et notion d'influence: problèmes des finalités, "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire. L'œuvre et l'influence de Pierre Francastel", Paris, Denoel, 1976, pp. 21-28
- FRANCSTEL, G.; FRANCSTEL, P. - Le Portrait - 50 siècles d'humanisme en peinture, Paris, Hachette, 1969
- FRANCSTEL, Pierre - L'impressionisme, 2^a ed., Paris, Denoel, 1974
- "- Pintura y Sociedad, Madrid, Cátedra, 1984
- "- Histoire de la Peinture Française, 3^a ed., 2 vols., Paris, Gouthier, 1971
- "- Problèmes de la sociologie de l'art, "Traité de Sociologie" (direc. G. Gurvitch), 2^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1963, vol. II, p.. 278-296
- "- L'Esthétique des Lumières, in "Utopie et institutions au XVIII^e siècle. Le pragmatisme des Lumières", Paris - La Haye, Mouton, 1963 (Actes du Colloque de Nancy, 1959, École Pratique des Hautes Études), pp. 331-357

- A realidade figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte, São Paulo, Perspectiva, 1982
 -- L'image, la vision et l'imagination, Paris, Denoel, 1983
 -- Études de Sociologie de l'Art. Crédit picturale et société, Paris, Denoel, 1970
 FRANÇA, José Augusto - Prefácio, a "Arte e Técnica nos séculos XIX e XX" (de P. Francastel), Lisboa, Livros do Brasil, s.d., pp. 5-14
 -- Lisboa, Pombalina e o Iluminismo, 2^a ed., Lisboa, Bertrand, 1977
 -- Le "fait artistique" dans la sociologie de l'art, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire" (cf. supra), pp. 127-136
 -- Sobre História (Sociológica) da Arte, Lisboa, 1981, sep. de "Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras"
 -- Temas de história e de sociologia da arte, in "Quinhentos Folhetins", I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 73-93
 FREIXA, Mireia (org.) - Las vanguardias del siglo XIX, Barcelona, Gustavo Gili, 1982
 GUYAU, J. M. - L'art au point de vue sociologique, 9^a ed., Paris, Félix Alcan, 1912
 HADJINICOLAOU, Icos - L'object de la discipline de l'Histoire de l'Art et le temps de l'Histoire des Arts, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation..." (vd. supra), pp. 41-53
 -- História da Arte e movimentos sociais, Lisboa, Edições 70, 1978
 -- La producción artística frente a sus significados, Mexico, Siglo Veintiuno, 1981
 HAUSER, Arnold - Historia Social de la Literatura y el Arte, 3 vols., 4^a ed., Madrid, Guadarrama, 1969
 -- Sociología del Arte, 5 vols., Madrid, Guadarrama, 1975-1977
 -- Teorias da Arte, 2^a ed., Lisboa, Presença, 1978
 -- A Arte e a Sociedade, Lisboa, Presença, 1984
 HUISMAN, Denis - A Estética, Lisboa, Edições 70, s.d.
 KONDER, Leandro - Os marxistas e a arte, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967
 LALO, Charles - L'Art et la vie sociale, Paris, Gaston Doin, 1921
 MANDROUX-FRANÇA, M.-T. - Information et "Mass-Media" au XVIIIe Siècle: la diffusion de l'ornement gravé rococo au Portugal, Braga, 1974, sep. de "Bracara Augusta", XXVII
 MARX, K.; ENGELS, F. - Sobre Literatura e Arte, 3^a ed., Lisboa, Estampa, 1975

Docentes: Dr. Agostinho Araújo
Dr. António Cardoso

1. O neoclassicismo:

Influências inglesa, italiana e francesa na arquitectura. O escultor João José de Aguiar. A pintura: Vieira Portuense; Domingos António de Sequeira; a oficina do Palácio da Ajuda; a "Escola do Porto" (José Teixeira Barreto, Joaquim Rafael, João Baptista Ribeiro). Artes decorativas. Alguns colecionadores.

2. A escultura naturalista:

Soares dos Reis: o romantismo e o realismo. Simões de Almeida e Texeira Lopes: o triunfo do naturalismo. A longa sobrevivência desta estética nas escolas de Lisboa e Porto e no gosto dominante.

3. Arquitectura e urbanismo:

A arquitectura do ferro. Engenheiros e arquitectos. Do eclectismo à "arte nova", ao movimento moderno. Os anos 30/40. A arquitectura do Estado novo. Tendências da arquitectura contemporânea.

4. A Pintura:

Do Romantismo ao Naturalismo. Da "possibilidade" romântica ao Naturalismo de Marques de Oliveira e Silva Porto. Henrique Pousão e a hipótese impressionista. O naturalismo epigonal. António Carneiro entre o naturalismo, o simbolismo e o expressionismo. Columbano e Malhoa ou "A Cidade e as Serras". O Modernismo Português. Rupturas, equívocos e tendências. Amadeo de Souza-Cardoso, o parêntesis e os novos caminhos do Modernismo.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

CARVALHO, Ayres de - Os três arquitectos da Ajuda, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1979

CHICÓ, Mario Tavares; FRANÇA, José-Augusto; SANTOS, Armando Vieira e outros - Dicionário da Pintura Universal, vol. III ("Pintura Portuguesa"), Lisboa, Estúdios Cor, 1973

COSTA, Luís Xavier da - Domingos António de Sequeira. Notícia biográfica, Lisboa, Amigos do Museu, 1939

FRANÇA, José-Augusto - A Arte em Portugal no século XIX, 2^a ed., 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1981

"- El siglo XIX, in "Summa Artis", vol. XXX ("Arte Português"), Madrid, Espasa-Calpe, 1986, pp. 399-482

"- A Arte em Portugal no século XX, Lisboa, Bertrand, 1974
"- Amadeo de Souza-Cardoso, 2^a edição, Lisboa, Inquérito, 1972

"- António Carneiro, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1973

- "- Almada, o Português sem Mestre, Lisboa, Estúdios Cor,
1974
- "- O Modernismo na Arte Portuguesa, Lisboa, Biblioteca
Breve, 1979
- GONÇALVES, Flávio - Um século de Arquitectura e Talha no
noroeste de Portugal. 1750-1850, in "Boletim Cultural" da Câmara
Municipal do Porto, vol. XXXII, 1-2, 1964, pp. 125-184
- MACEDO, Diogo de - Soares dos Reis. Estudo documentado,
Porto, Lopes da Silva, 1945
- SANTOS, Reynaldo dos - Oito Séculos de Arte Portuguesa, 3
vols., Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1963-1970
- SMITH, Robert C. - The Art of Portugal. 1500-1800,
London/New York, Meredith Press, 1968
- ZEVI, Bruno - História da Arquitectura Moderna, 2 vols.,
Lisboa, Arcádia, 1979

ÍNDICE

Arqueologia Clássica	1
Cultura e Mentalidades na Epoca Moderna	3
Epigrafia e Numismática	6
Arte Moderna em Portugal	9
Arte Moderna Geral	11
História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa	14
História Moderna de Portugal	15
Sociedade, Economia e Polftica na Epoca Moderna	18
Introdução às Ciências da Educação	21
Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	23

DISCIPLINAS SO DE OPÇÃO

História da Cidade do Porto	1
Sociologia da Arte	2
História de Arte em Portugal	6